

Data: 20.03.2011

Título: Especial 100 anos de Universidade. Saiba quais as ambições de Lisboa e Porto

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;16;17



Entrevistas com reitores

Especial

100 anos de

Universidade.

Saiba quais as

ambições de

Lisboa e Porto

Portugal, 14 a 17

Área: 1692cm² / 60%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3556657



Centenário Academia festeja aniversário como líder na produção científica nacional

Porto

Universidade quer chegar a 2020 entre as cem melhores do mundo

Ao fim de cem anos, a instituição portuense é a maior e mais activa universidade portuguesa, apostando na investigação e na relação com as empresas

Jorge Marmelo

● A Universidade do Porto (UP) está de parabéns e não é só por cumprir cem anos na terça-feira. Com 30.898 alunos, é já a maior instituição portuguesa de ensino superior, mas esta é uma circunstância que decorre, por exemplo, do facto de existir em Lisboa não uma, mas três universidades. O verdadeiro motivo de orgulho surge quando se olha para alguns dos principais rankings internacionais que analisam o desempenho académico e se constata que a universidade portuense é, entre as suas congéneres

nacionais, a que aparece mais bem colocada quando se trata de avaliar a investigação, a produção científica ou o número de artigos publicados em revistas científicas.

Ao tomar posse, há cinco anos, o actual reitor, Marques dos Santos, estabeleceu como meta a transformação da instituição num centro de investigação internacional, colocando a UP na lista das cem melhores universidades europeias até 2010. No final do ano passado, o ranking publicado pelo suplemento *Times Higher Education*, provavelmente o mais conhecido

do mundo, atribuiu-lhe o lugar 106, enquanto o *Performance Ranking of Scientific Paper*, que analisa 11 anos de publicações, a colocava no 85.º posto da produção científica europeia.

Com este objectivo praticamente cumprido, o reitor decidiu elevar a fasquia: pôr a UP entre as cem melhores do mundo até 2020. Está, actualmente, na posição 250 no ranking mundial do *The Times*, sendo a única instituição portuguesa de ensino superior presente nesta lista.

Rankings há muitos, é verdade,

mas, tomando ainda como ponto de partida as classificações do *Times Higher Education*, os responsáveis pela UP sabem que a actual número cem mundial, a ENS de Lyon (França), tem melhores avaliações nos itens “Ambiente de ensino” e “Internacional Mix”, nos quais o Porto precisa de melhorar. Por outro lado, a UP já tem melhores notas nas relações com a indústria e na investigação.

Influência regional

“Sonho com a transformação da Universidade do Porto numa das cem melhores universidades do mundo, acho óptimo que se defina essa meta, mas creio que ainda estamos muito longe de lá chegar”, diz o biólogo Nuno Ferrand de Almeida, coordenador científico do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da UP, um investigador habituado a liderar projectos em colaboração com algumas das maiores universidades do mundo, como as de Berkeley (EUA) e de São Paulo (Brasil), ou institutos como o MIT (EUA).

Ressalvando que conhece mal os mecanismos de avaliação que resultam nos rankings, Ferrand de Almeida

sabe, ainda assim, que a universidade portuense continua a ser “liceal” e “regional”, necessitando, por isso, de apostar mais decisivamente nos mestrados e doutoramentos e de “atrair pessoas melhores do que aquelas que cá estão”. “Para isso são precisos recursos, mas o contexto actual é difícil e vai ser complicado manter o nível de investimento dos últimos 20 anos”, ressalva. Reconhece, porém, que, enquanto “há 25 anos só formávamos professores de liceu, agora os alunos querem todos ser investigadores e ir para o estrangeiro”.

Independentemente daquele que vier a ser o desempenho da UP na prossecução do seu mais recente objectivo, a instituição parece estar a cumprir as metas para que foi criada a 22 de Março de 1911, por decreto do Governo Provisório da recém-criada República: acabar com o monopólio de Coimbra na formação universitária e contribuir para o grande objectivo republicano da educação e da formação superior como modo de desenvolvimento do país.

Cem anos depois, a UP é uma instituição liderante a vários níveis e con-

siderada um dos principais recursos da região, acolhendo hoje, em alguns domínios, um conjunto de competências que ombreiam com aquilo que de melhor se faz no mundo. Exemplo disso foi a criação, há dois anos, do I3S, Instituto de Investigação e Inovação em Saúde, o qual concentra três dos centros de pesquisa de excelência da UP.

Para além disto, a universidade tem vindo a apostar de modo crescente numa maior ligação com o tecido empresarial, estimulando a criação de empresas por *spin-off*, criando condições para a consolidação de projectos empresariais ou promovendo parcerias para o avanço de investigação específica. Daqui resultaram, por exemplo, a garrafa de gás Pluma e as novas cervejas sem álcool.

Entre 2007 e 2010, só no âmbito do UPTEC, parque de ciência e tecnologia para a criação de empresas de base tecnológica, foram incubados 68 projectos de tecnologia, biotecnologia, indústrias criativas e ciências do mar, os quais geraram já um volume de negócios de sete milhões de euros.

Entrevista a José Marques dos Santos, reitor da Universidade do Porto “Não queremos ficar dependentes do Estado”

Jorge Marmelo

● José Marques dos Santos tem 64 anos, é engenheiro e está a cumprir o segundo mandato como reitor da Universidade do Porto (UP). **Chegar ao top 100 mundial das universidades é uma meta realista ou apenas um objectivo mobilizador?**

As duas coisas. Acho que é realista porque, há cinco anos, não aparecíamos em nenhum ranking. Deu-se um salto muito grande. Estou convencido de que somos capazes de atingir essa meta. Portugal tem que ter uma universidade entre as cem melhores do mundo, para ter visibilidade e prestígio internacional, e vamos fazer tudo

para sermos nós a ocupar o lugar.

O que é preciso fazer?

Continuar a trabalhar fortemente. Trabalharmos mais em conjunto, aumentarmos a disponibilidade para colaborar, aumentar a massa crítica nas áreas em que temos já grandes competências internacionais e tornar mais visível o trabalho na área das Ciências Sociais e Humanas. Temos que continuar o movimento de internacionalização, com o intercâmbio de alunos, apostando muito nos cursos de multtitulação com universidades estrangeiras. Também a escola doutoral vai ser um forte contributo para sermos capazes de crescer no rigor e na qualidade da formação pós-

graduada que fazemos. Temos muito potencial de crescimento.

A ligação da investigação universitária com as empresas é um factor determinante para o sucesso das universidades. O que pode ser feito para aprofundar essa relação?

Temos duas vias fundamentais. Por um lado, temos já um volume substancial de projectos de investigação e desenvolvimento conjuntos. Por outro, com a nossa incubadora, estamos a promover a criação de novas empresas. Temos cerca de cem empresas incubadas, criando centenas de postos de trabalho directos. Isto vai mudar o tecido económico e



ajudar a manter a ligação dessas empresas com a universidade. Temos também um gabinete que se dedica a promover a ligação da universidade às empresas. Há uma grande abertura ao exterior, com um sucesso bastante grande. **As receitas que resultam dessa colaboração já são significativas?** São significativas, sim. Em 2009, a Universidade do Porto gerou 52 por cento das verbas que utilizou. Temos como objectivo atingir os 55 por cento de receitas próprias e, se possível, ir mais longe, para ganhar autonomia e não ficar demasiado dependentes de uma única fonte de financiamento. O Estado, para já, tem mantido estável o financiamento das universidades, mas é previsível, pelos sinais no horizonte, que a coisa não vai ser fácil. É preciso encontrar alternativas. E temos que nos tornar mais eficientes no uso dos recursos, reorganizando a universidade, partilhando recursos, racionalizando a oferta de cursos. **Teme que a fragilidade do tecido económico português possa acabar por vir a ser um óbice?** Acredito que vai haver desenvolvimento da nossa economia. Temos estado envolvidos em muitas das alterações que tem havido no tecido económico, nos novos produtos que foram criados, nos novos serviços. Isto dá-nos

“

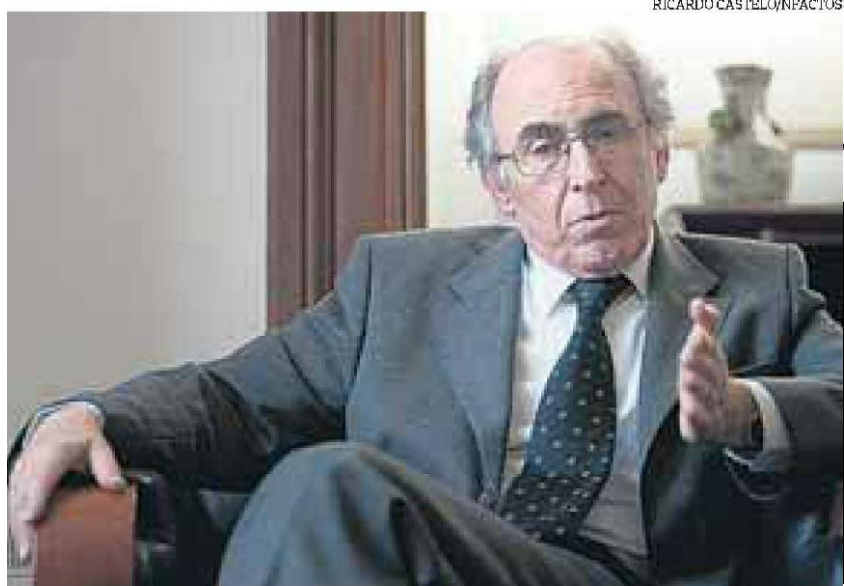
Temos como

objectivo atingir os 55 por cento de receitas próprias e, se possível, ir mais longe

”

esperança de que as empresas vão continuar a recorrer à universidade. **O caminho pode passar pela colaboração com empresas estrangeiras?** Claro. Nos programas de financiamento europeus já somos parceiros de muitas empresas estrangeiras. Um exemplo: a Bosch comprou a Vulcano e está a desenvolver connosco toda a linha de esquentadores, em Ovar. **A UP tem também apostado na vinda de estudantes e investigadores estrangeiros. Até que ponto isso é importante?** É muito importante e por várias razões. Quem vem fica sempre com uma ligação afectiva à universidade, divulga-a e traz outros atrás. A presença deles cá – e temos 2700 estudantes de 90 países – acaba por criar um microcosmos internacional que ajuda os nossos estudantes a compreenderem outras culturas, a ter outra mundividência e a motivá-los a irem lá para fora, o que consideramos muito importante. Por outro lado, isto é sempre

feito ao abrigo de acordos entre universidades, que permitem estabelecer parcerias. Somos coordenadores de quatro ou cinco grandes programas europeus de vários milhões de euros. **O que é que a UP ganhou com a transformação em fundação?** Ganhou maior autonomia e simplificação de procedimentos, mas ainda não estamos a utilizar todas as ferramentas que estão ao nosso alcance. Nos recursos humanos, na aquisição de serviços e na gestão do património, passámos a reger-nos pelo regime privado, que é mais simplificado. Também ganhámos visibilidade. A comunidade viu nisto uma vontade de inovar. No futuro, as vantagens vão ser ainda maiores, quando tivermos que investir para renovar o nosso património. Poderemos recorrer ao crédito e vender o património que temos para depois reinvestir esse dinheiro. **Vão ficar prontas dentro de poucos meses as novas faculdades de Medicina e Farmácia e as novas instalações do ICBAS. As carências de instalações ficam, assim, completamente resolvidas ou ainda há problemas por solucionar?** Fica a faltar a Faculdade de Ciência de Nutrição e Alimentação. Estamos já a rever o programa, para simplificá-lo à luz da colaboração entre faculdades, para avaliar os custos envolvidos e ver como podemos financiar o projecto. É minha intenção, enquanto reitor, deixar este processo concluído ou avançado.



RICARDO CAS TELLO/INFACTOS

José Soeiro, deputado do BE, Sociologia (licenciado em 2007)

“O desafio da UP é o de abrir-se a novos públicos e de reforçar a sua ligação com a sociedade em que se insere. Espero que se desenvolva uma universidade mais cidadã e mais democrática, [...] e que não se acentue a ideia, que parece estar a instalar-se, de que a sua vocação é acima de tudo ser uma instituição que concorre no mercado europeu.”



D. Januário Torgal Ferreira, actual bispo das Forças Armadas, aluno da Faculdade de Letras (1962-70) “Fiz conhecimentos, amizades, aprendendo com todos

a olhar o mundo com maior nitidez, tal a riqueza dessas visões plurais. [...] O que mais me scandalizou foram os ‘jogos de conveniência’ e os equívocos duma entidade cuja lógica deveria ser a do rigor e da verdade.”



Belmiro de Azevedo, presidente da Sonae, Faculdade de Engenharia (licenciado em 1964) “Inovar é estar constantemente à procura e o

futuro só será frutuoso se as universidades portuguesas defenderem esse estado de insatisfação permanente – estou seguro que a UP pode ser a alavanca que influenciará positivamente outros sectores.”



Sobrinho Simões, director do ICBAS, Faculdade de Medicina (licenciado em 1971) “Julgo que basta dizer que o meu olhar sobre a UP é tão enviesado que me

sinto obrigado a declarar *ab initio* um conflito insanável de interesses (Leia-se: gosto tanto da U. Porto, sinto-me tão parte dela, que sei que qualquer juízo valorativo sofrerá de falta de objectividade).”



Teixeira dos Santos, ministro das Finanças, Faculdade de Economia (licenciado em 1973) “Não fora o meu percurso académico na UP, nunca teria

sido chamado a exercer as funções oficiais que tenho exercido nos últimos 15 anos. [...] Esta ‘formatação’, a par da capacidade técnica adquirida, é um capital que se tem revelado muito valioso nas funções que tenho exercido.”



Ilda Figueiredo, eurodeputada pela CDU, Faculdade de Economia (licenciada em 1973) “O papel da universidade na época em que lá estudei foi muito

importante, dado que era uma das poucas possibilidades de formação que os alunos das classes trabalhadoras tinham para poder aceder a uma profissão com algum prestígio social. [...] Continua a ter um papel imprescindível.”



Gaspar Martins Pereira, historiador, aluno da Faculdade de Letras (1983-86) “O saber universitário tornou-se mais aberto à comunidade, em todos os

domínios. Mas há ainda um longo caminho a percorrer e os passos têm de ser dados, simultaneamente, pela universidade e pela comunidade, para se alcançarem níveis razoáveis de eficácia social do conhecimento.”



Area: 1692cm² / 60%

Tiragem: 72.253 FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3556657

Origens da maior universidade do país remontamhá 250 anos

■ 1762

É criada a Aula de Náutica por D. José I, primeira instituição de ensino superior da cidade do Porto. Juntamente com a Aula de Debuxo e Desenho, criada em 1779, a Academia Real da Marinha e Comércio (1803) e a Academia Politécnica (1837), será responsável pela formação dos quadros portuenses ao longo do séc. XVIII e XIX.

■ 1825

É fundada a primeira escola médica do Porto, a Real Escola de Cirurgia, transformada em 1836 em Escola Médico-Cirúrgica.

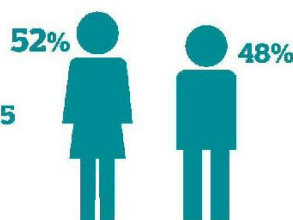
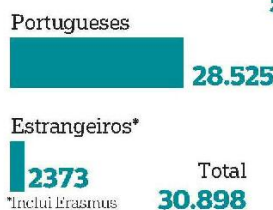
■ 1911

É criada, por decreto do primeiro governo provisório da República, a Universidade do Porto, estruturada em duas faculdades, Ciências e Medicina.

Equipamentos



Estudantes



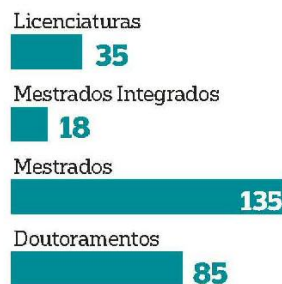
■ 1915

Surge a Faculdade Técnica, rebaptizada em 1926 como Faculdade de Engenharia.

Por nível



Cursos



Acção Social



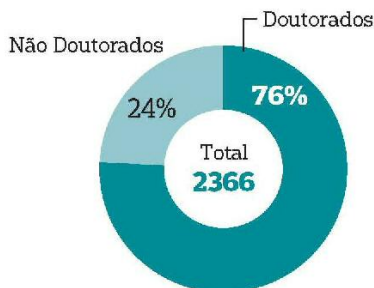
■ 1919

É criada a Faculdade de Letras, que viria a ser extinta em 1928. Só voltou a reaparecer em 1961.

■ 2008

Universidade passa a ser uma fundação pública.

Professores



Investigação



■ 1925

É criada a Faculdade de Farmácia.

■ 1975

É criado o Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar e a Faculdade de Desporto, iniciando um período de expansão que levará à criação das faculdades de Psicologia e de Ciências da Educação (1977), de Medicina Dentária (1989), da Nutrição e da Alimentação (1992) e de Direito (1994).

■ 1953

É criada a Faculdade de Economia, a única a ser criada durante a ditadura. Em 1974, inaugurou o pólo 2 da universidade, junto ao Hospital de S. João.

■ 1950

A Escola Portuense de Belas Artes é transformada em Escola Superior de Belas Artes do Porto, a qual dará posteriormente origem às actuais faculdades de Arquitectura (1979) e de Belas Artes (1992).

Fonte: Universidade do Porto